

ROBERTO ANDERSEN

PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO

Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica

Fevereiro de 2012

Conteúdo

Introdução.....	5
1 Personalidade - conceito.....	6
2 Caráter - conceito.....	7
3 Temperamento - conceito.....	8
3.1 Características afetivas ou emotivas.....	9
3.2 Características de atividade ou de excitação.....	11
3.3 Características de atenção ou de ressonância.....	12
3.4 Determinismo bioquímico com causa de temperamento.....	12
3.5 Nutrição influenciando temperamento.....	12
4 Estrutura da personalidade global.....	13
4.1 Traço da personalidade.....	14
4.2 Tipos psicológicos.....	14
5 Sistemas constitutivos da personalidade.....	14
5.1 Sistema Neuropsicológico da Personalidade.....	15
5.2 Sistema Psicossensorial da Personalidade.....	16
5.3 Sistema Expressivo da Personalidade.....	16
5.4 Sistema Afetivo da Personalidade.....	16
5.5 Sistema Cognitivo da Personalidade.....	17
5.6 Sistema Vivencial da Personalidade.....	17
5.7 Sistema Político da Personalidade.....	17
6 Estrutura da personalidade sexual.....	18
6.1 Definição sexual.....	18
6.2 Menino biológico.....	19
6.3 Menina biológica.....	19
6.4 Caso especial.....	19
6.5 Anomalias ligadas à definição sexual.....	19
6.6 Orientação sexual.....	20
6.7 Evitação sexual.....	22
6.8 Opção sexual.....	22
7 Aparelho psíquico na formação da personalidade.....	23
7.1 ID.....	24
7.2 EGO.....	24
7.3 SUPEREGO.....	25
8 Fases da formação da personalidade.....	25
8.1 Primeira fase (do nascimento até 1,5 anos).....	25
8.2 Segunda fase (de 1,5 até 3 anos).....	28
8.3 Terceira fase (dos 3 a 7 anos).....	32
8.4 Quarta fase (dos 7 aos 11 anos).....	37
8.5 Quinta fase (dos 11 aos 13) e sexta fase (dos 13 aos 18 anos).....	39

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

9	Artifício virtual para formação da personalidade - amigo imaginário.....	40
10	Personalidade enganosa.....	42
10.1	Repressão	42
10.2	Formação reativa.....	42
10.3	Projeção	42
10.4	Regressão	42
10.5	Fixação	42
10.6	Sublimação.....	43
10.7	Identificação	43
10.8	Deslocamento.....	43
11	Personalidade patológica - causas	43
11.1	Causas funcionais	43
11.2	Causas orgânicas.....	44
12	Personalidades patológicas - características	44
12.1	Fenichel e as personalidades patológicas	44
12.2	Reich e as personalidades patológicas.....	44
12.3	Tipos de personalidades patológicas	45
13	Personalidade criminosa	46
13.1	Criminoso ocasional	47
13.2	Criminoso nato	47
13.3	Criminoso louco.....	48
13.4	Criminoso profissional	48
13.5	Criminoso primário	48
	Conclusão.....	49
	Referências	49
	Contacto com o autor:.....	49

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO

Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica

Roberto Andersen

RESUMO

Esse primeiro estudo preliminar sobre a formação da personalidade segundo a ótica neuropedagógica tem início nos seus conceitos básicos, englobando a personalidade propriamente dita, o caráter e o temperamento. Ao definirmos esses conceitos fizemos a adequação desse conhecimento com os traços e tipos psicológicos de uma personalidade global para, a partir daí, analisarmos os sete sistemas constitutivos da forma como estão sendo aceitos atualmente. Sem poder descartar o estudo da libido desenvolvido por Freud, na psicanálise, analisamos as constatações mais recentes sobre a formatação, ainda no útero materno, das redes sinápticas do embrião, redes essas sendo programadas desde o início da fecundação, determinando, inclusive, a orientação sexual do feto, independentes da definição sexual já estabelecida a partir das informações constantes nos cromossomos XX e XY. Essa análise é importante principalmente por trazer novos elementos para o entendimento, inclusive, das opções sexuais não tradicionais e a necessidade de sua aceitação pela sociedade. Fizemos um estudo rápido para recordar os conceitos do aparelho psíquico e a sua influência na formação das bases da personalidade, segundo a ótica de Freud para, em seguida, reunir virtualmente Freud, Wallon e Erikson em uma análise conjunta da necessidade, que toda criança tem, da satisfação correta em cada uma de suas fases de desenvolvimento, para evitar a formação de personalidades neuróticas. O comentário que fizemos sobre a necessidade do aparecimento do amigo imaginário na formação da personalidade infantil é uma realidade. Pais, educadores, médicos e terapeutas devem estar cientes da forma como o amigo imaginário surge e qual a sua finalidade. Em seguida analisamos os célebres mecanismos de defesa, estudados em psicanálise, e a sua influência na formação de uma personalidade enganosa. Saindo das personalidades mais saudáveis, fizemos um estudo sobre as principais personalidades patológicas e, por último, as personalidades criminosas, para permitir uma visão mais ampla desse universo.

Palavras-chave: Personalidade, caráter, temperamento, estrutura da personalidade, sexualidade, orientação sexual, personalidade enganosa, personalidade patológica, personalidade criminosa.

Roberto Andersen

- Mestre e Doutor "Honoris Causa" em Educação – Universidade de Los Pueblos de Europa
- Bacharel em Ciência Navais – Escola Naval – Rio de Janeiro
- Psicanalista Didata – Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil - SPOB

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Introdução

Nossa análise sobre as teorias da formação da personalidade inicia com a apresentação dos conceitos básicos relacionados com a parte não orgânica¹ da pessoa, que podem ser entendidas como a personalidade, o caráter e o temperamento.

Durante todo o decorrer desse estudo estaremos nos baseando, primeiramente, na separação entre SOMA (corpo – parte orgânica) e PSIQUE (parte não orgânica – emoções, sentimentos, impulsos, etc...), como preconizou Descartes com seu conceito de “dualidade mente-matéria”.

Em segundo lugar, embora não exatamente nessa ordem, nos baseamos na interdependência entre elas, como nos mostram os estudos sobre a psicossomática², ciência hoje repleta de comprovações experimentais, realizadas pelos mais diversos centros de pesquisa médica espalhados pelo mundo.

Em terceiro lugar, independente de esse conceito divergir do nosso entendimento não materialista sobre a vida, também analisamos a possível existência apenas da matéria, como procurou mostrar Damásio em sua obra “O erro de Descartes”.

Sabemos que toda teoria deve ser formada a partir da observação dos fatos, da sua análise e da experimentação de hipóteses para, a partir de esses resultados, tentarmos criar modelos que possam estar muito próximos da verdade observada.

Para facilitar nosso entendimento, analisaremos algumas das teorias já consagradas, como as de Freud³, Wallon⁴ e Erikson⁵, cujos detalhes que mais nos interessam estão sintetizados em ANDERSEN, 2009⁶, (páginas 76 a 96).

Analisaremos, também, a Caracterologia, desenvolvida por Le Senne⁷, os estudos sobre personalidade criminosa, alguns estudos sobre personalidades

¹ “Não orgânica” – Para esse estudo imaginamos que o ser humano é composto de SOMA e PSIQUE, sendo SOMA a sua parte orgânica que pode ser também chamada de MATÉRIA, e PSIQUE a parte dos sentimentos, emoções, pensamentos, vontades, desejos e impulsos, que pode também ser chamada de MENTE.

² Psicossomática – Ciência ligando a medicina e a psicologia no entendimento das origens das doenças. A psicossomática tomou força a partir da técnica psicanalítica de investigação da origem inconsciente das neuroses e de sua evolução para sintomas de doenças reais.

³ Sigmund Freud – Obras Completas.

⁴ Henri Wallon – 1879-1962 – Filósofo, médico e psicólogo francês. Criou a Psicologia do Desenvolvimento.

⁵ Erik Erikson – 1902-1994 – Psiquiatra alemão. Criou a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial.

⁶ Andersen, Roberto. **Afetividade na Educação – Psicopedagogia**. São Paulo: All Print Editora, 2009.

⁷ René Le Senne – Teoria da Personalidade – Criada junto com Gaston Berger.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica**. Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

patológicas, segundo a História da Loucura, de Foucault⁸, além, é claro, da análise de alguns resultados que estamos alcançando com as nossas próprias observações, análises e pesquisas de campo.

E para fundamentar biologicamente o estudo, analisaremos também alguns determinantes biológicos da personalidade, com base em um trabalho de Marcelo Peçanha de Paula⁹, onde foi feita uma boa sintetização desses aspectos.

E, para começar, precisamos definir, quase que de forma semântica, o significado de personalidade, caráter e temperamento. Começaremos pela personalidade.

1 Personalidade - conceito

Personalidade é tudo aquilo que a pessoa mostra que é, perante seus colegas de trabalho, seus amigos, sua família, mas que, na realidade, pode não ser a sua verdade interior.

Essas características comportamentais tornam-se tão presentes na vida da pessoa, que é comum elas acabarem “esquecendo” sua própria realidade e “assumirem” esse papel como seu EGO.

Algumas dessas características, mesmo sendo muito fortes, ainda costumam sofrer mudanças, algumas vezes de forma automática, no momento em que a pessoa muda de ambiente. Essas mudanças, por ser uma adaptação ao novo ambiente, podem ocorrer sem que a própria pessoa se dê conta disso!

Essas mudanças são descritas por Émile Durkheim¹⁰ como sendo a influência da “consciência coletiva¹¹” existente no meio em que a pessoa está.

Durkheim vai mais além ainda, mostrando, em seu estudo, que a própria personalidade original, ou seja, a forma básica da pessoa ser, de sentir e de se

⁸ Michel Foucault – 1926-1984 – Filósofo francês. História da Loucura.

⁹ Marcelo Peçanha de Paula – Psicanalista clínico e pesquisador. “Os fundamentos para uma tipologia de temperamentos, caráter e personalidade baseada desde os tipos sanguíneos do grupo abo até as bases biológicas da personalidade.”

¹⁰ Émile Durkheim – 1858-1917 – Sociólogo francês – Ao contrário de Rousseau, Durkheim considera o homem um animal selvagem que só se tornou humano devido à vida em sociedade, onde aprendeu hábitos e costumes para poder conviver pacificamente.

¹¹ Consciência coletiva – Conceito desenvolvido por Durkheim, composto por tudo aquilo que habita as nossas mentes e que servem para nos orientar como devemos ser, sentir e nos comportar.

comportar, pode ser uma determinação externa, influência da consciência coletiva construída naquela sociedade e determinando a cultura¹².

No aparelho psíquico¹³ estudado por Freud¹⁴, a personalidade toma o nome de EGO, podendo ser também entendida como uma espécie de máscara colocada para esconder ou camuflar o verdadeiro rosto que, por algum motivo, não quer, não pode ou não deve ser mostrado.

O EGO vai sendo criado durante a formação da pessoa, para criar formas de dar vazão aos impulsos originais sem que sejam desrespeitados os valores culturais vigentes. Ele, que se confunde com a própria personalidade, é criado segundo o “princípio da realidade¹⁵”, construindo a razão, o planejamento e a espera no comportamento social.

2 Caráter - conceito

Se pudermos entender a pessoa como ela é de verdade, independente de todas as influências socioculturais recebidas, nós estaremos entendendo o caráter dessa pessoa.

Segundo Rousseau¹⁶ o caráter das pessoas, que reúne suas características psicossociais natas, é bom, mas a personalidade que ele constrói, por influência da sociedade, o corrompe. Como podemos ver há uma oposição total de ideias conceituais entre Rousseau e Durkheim.

O caráter pode ser entendido como o SELF¹⁷, ou o SI MESMO, de onde vem toda a potencialidade daquela identidade pessoal. É o potencial energético da psique. É o responsável por todos os aspectos inconscientes do ser humano.

O caráter é formado segundo os objetivos do homem inteiro, e ele está inserido naquilo que alguns, incorretamente, chamam de instinto, e pode ser consciente ou não.

¹² Richard Dawkins não é citado aqui, mas aparece mais tarde com sua ideia dos memes, bem semelhante a esse estudo de Durkheim.

¹³ Aparelho psíquico – Conceito desenvolvido por Freud para explicar o funcionamento da parte não orgânica do ser humano.

¹⁴ Sigmund Freud – 1856-1939 – Neurologista judeu-austriaco – Criou a psicanálise como única ciência capaz de curar as neuroses.

¹⁵ Princípio da Realidade – Oposto ao “Princípio do Prazer”, também sintetizado por Freud, esse princípio significa, basicamente, o adiamento da gratificação, ou a sua substituição por algo prazeroso que seja mais aceito pela sociedade.

¹⁶ Jean-Jaques Rousseau – 1712-1778 – Filósofo suíço -

¹⁷ SELF – Termo desenvolvido inicialmente por William James como o conceito que o indivíduo tem de si mesmo.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

A convivência social faz com que o homem tenha que aprender a modificar partes de seu caráter, adequando comportamentos e vontades, para poder participar do meio.

Essas modificações podem ser tão fortes que provoquem a perda da consciência de si, entendendo o “si” como a sua verdade interior.

Mas o caráter nato continua com toda a sua energia original. Essa energia, segundo Freud, está contida no que ele chamou de ID. A impossibilidade de sua liberação é o principal elemento causador das neuroses.

3 Temperamento - conceito

O temperamento das pessoas pode ser entendido como um conjunto de características que afetam o seu comportamento. Essas características são, normalmente, consideradas como congênitas¹⁸.

Na formação cerebral, durante o processo de gestação, a troca de substâncias entre a mãe e o feto ajuda na definição das diferentes programações das redes sinápticas¹⁹.

Entre essas programações estão as que determinam a forma de liberação dos neurotransmissores²⁰, que serão os responsáveis pelos diferentes estados emocionais e sentimentos das pessoas.

Temos observado uma dificuldade muito grande para que as pessoas alterem esses seus estados temperamentais.

Mesmo quando suas características tendem a prejudicá-las no trabalho, na família ou nos demais relacionamentos, a força do temperamento sempre surge, como que “do nada”, precisando de muita atenção e força de vontade para controlá-la²¹.

¹⁸ Congênitas – Características adquiridas pelo bebê durante o período de gestação. Algumas dessas características provocam defeitos ou anomalias, outras desenvolvem identidades comportamentais diferenciadas, como por exemplo, a predominância em algum estado emocional.

¹⁹ Redes sinápticas – Grupo de neurônios envolvidos com uma determinada finalidade, raciocínio, memória ou comando neural.

²⁰ Neurotransmissores – Substâncias químicas liberadas durante as sinapses, ou seja, durante o processo de comunicação entre neurônios.

²¹ Em outro estudo mostramos que “conter” o temperamento é uma necessidade, mas ao mesmo tempo é prejudicial à saúde psíquica. O importante é treinar compreender as razões que levam o nosso temperamento à explosão, para reduzir tais sentimentos e, naturalmente, reduzir tais explosões.

O estudo da caracterologia²², embora o nome caráter esteja sugerido, é o que mais se aproxima do entendimento sobre o temperamento humano. Nesse estudo essas características compõem o “esqueleto mental” do indivíduo. Já a personalidade, essa com disposições mais externas, constitui a sua “musculatura mental”.

Em nosso estudo consideramos que essa “musculatura mental” tem duas fases, a exteriorizada, chamada de personalidade, e a interiorizada, chamada de caráter. O “esqueleto mental” nos parece muito mais próximo do que consideramos como temperamento.

Ao longo dos últimos doze anos nós temos realizado uma série de observações em relação aos diferentes temperamentos apresentados por crianças e adolescentes, desde os 04 anos de idade, quando entram na Educação Infantil, até os 17 anos, quando alcançam o terceiro ano do Ensino Médio.

Essas observações indicam como sendo bastante apropriado o agrupamento das características do temperamento humano em:

3.1 Características afetivas ou emotivas

Uma das características do temperamento humano é a forma como a pessoa constrói o afeto por alguma coisa ou por alguém.

Há toda uma gama de afetos e emoções. Uns se irritam com tudo e com todos; Outros são indiferentes ao mundo à sua volta; E alguns outros “se ligam” afetivamente a todos!

Temos realizado experiências frequentes utilizando trechos e filmes, projeção de slides, ou simplesmente relato de um caso, solicitando, depois, que essas pessoas preencham um questionário sobre as emoções sentidas.

A diversidade de resultados mostra uma imensa diferença entre os graus de afetividade e emotividade das pessoas. Para o mesmo fato, objeto ou evento, cada pessoa tem a sua forma de sentir e de se emocionar. Umas se emocionam com muita facilidade. Outras são muito frias.

Nossas pesquisas nessa área tinham, inicialmente, a intenção de mostrar aos pais, por meios científicos, que o comportamento inadequado de seus filhos, em relação aos afetos e emoções, estaria diretamente ligado às características da relação familiar existente.

²² Caracterologia – Desenvolvido por Le Senne e Gaston Berger, mostram diferenças no comportamento humano devido a alterações congênicas.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Ao completarmos um ano de análise chegamos à triste conclusão que não poderíamos nos valer desse instrumento, já que os resultados não estavam nos dando margem segura para considerarmos comprovação científica!

É verdade que uma parte considerável dos alunos com temperamento irritadiço e agressivo, assim como os apáticos e relapsos para com as tarefas escolares e, principalmente os que praticam o bullying, possam ser vistos como:

- Reflexos de seus próprios pais (explica a forma congênita);
- Revolta contra o mau relacionamento familiar (influência social);
- Sentimento de abandono (com pais fisicamente presentes).

Mas encontramos, também, uma parte que não pode ser desprezada, embora minoria, com alunos provenientes dessas mesmas situações, algumas até muito graves, que apresentam comportamento elogiável, dedicação total aos estudos, respeito por si mesmo e pelos outros, assim como uma preocupação para com o seu futuro profissional.

Não há meios, no momento, de avaliarmos como se processou a troca de substâncias químicas entre mãe e filho durante a gestação, para ajudar nessa análise e na obtenção de resultados melhores e mais precisos.

Podemos, apenas, recorrer à clássica anamnese, direcionando-a para o período gestacional.

Continuamos realizando esse trabalho, mas ainda continuamos encontrando um número grande de exceções (mais de vinte por cento). Essas exceções mostram crianças que, mesmo tendo sido gestada em período de muito conflito emocional, tiveram a construção de seu temperamento totalmente estável, resultando em pessoas com elogiável padrão comportamental e cognitivo.

Já entre os alunos que apresentam temperamento predominantemente transgressor, a identificação das causas está bem mais clara.

Todos os alunos pesquisados até hoje pelos profissionais de nosso instituto, sem que tenha sido encontrada qualquer exceção²³ (o número total já ultrapassa os cento e cinquenta), podem ser considerados como tendo uma alteração temperamental provocada socialmente, no seio familiar, por:

- Abandono afetivo por ausência dos pais;

²³ IUPE – Instituto de Pesquisas – Fichas individuais de acompanhamento interno (1999 a 2011) e registros individuais de acompanhamentos relatados por professores orientados externamente, também no período de 1999 a 2011. Os questionários aplicados, assim como os modelos das fichas de registro e acompanhamento serão publicadas no próximo livro sobre educação a ser lançado em 2012.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

- Abandono afetivo com pais presentes, (pais que desprezam a presença de seus filhos);
- Oposição afetiva entre os pais (um educa o outro desautoriza);
- Abuso físico ou sexual no seio familiar.

A análise desse tipo de temperamento continua sendo necessária para que mais dados sejam coletados, a fim de encontrarmos melhores soluções para os conflitos.

Vimos, então, que embora as situações familiares ou sociais nas quais essas crianças estejam envolvidas possam justificar algum tipo de emotividade negativa, cada uma reage de uma forma diferente, a depender exatamente de seu temperamento adquirido congenitamente.

Além disso, vemos também que o fato da criança adquirir congenitamente um temperamento inadequado, nem sempre está relacionado aos conflitos emocionais vividos pela mãe durante a gestação.

3.2 Características de atividade ou de excitação

As características de atividade, superatividade e baixa atividade, assim como a excitação física e mental, também são consideradas por Le Senne como propriedades constitutivas do caráter, mas continuamos interpretando como sendo parte do temperamento.

Ter uma característica predominantemente ativa significa sentir muita atração pela ação e pelo desafio. Essas pessoas, quando ligadas à atividades esportivas, preferem os esportes mais radicais, por exemplo.

Ter uma característica pouco ativa significa a tendência à acomodação, à preguiça para agir, à lentidão de raciocínio e pode trazer tendência ao sedentarismo. É muito difícil, para essas pessoas, o envolvimento em atividades de muito movimento.

O temperamento muito ativo tende a criar expectativas tanto otimistas, como pessimistas, com muita facilidade.

O temperamento perseverante leva as pessoas a desenvolver uma forma de se desligar de atividades secundárias para poder levar adiante os objetivos principais, ao contrário do pouco perseverante, que se distrai com muita facilidade.

Há formas de temperamento ligadas a forma muito constante de se fazer juízo dos resultados das atividades e das ações. Enquanto há os que assumem a

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

responsabilidade ou a culpa por tudo, há os que se eximem disso, colocando a culpa sempre nos outros.

3.3 Características de atenção ou de ressonância

Há pessoas que vivem para o futuro, que estão sempre fazendo mil planos para o amanhã, mas que não prestam a menor atenção ao momento presente.

Há outras que vivem intensamente o presente, sem qualquer preocupação com o que poderá acontecer amanhã.

E há aquelas que estão “montadas” no passado! Nada mais os interessa. O presente é desagradável, e o futuro... Nem pensar!

Le Senne, em sua obra, chama os que vivem no presente de primários. Os que vivem no passado ou no futuro ela os chama de secundários.

3.4 Determinismo bioquímico com causa de temperamento

Há que se considerar, também, o determinismo químico do temperamento, relacionado à liberação, durante as sinapses, de uma proporção desarmonizada de neurotransmissores, cujas causas podem não estar sendo bem identificadas.

As substâncias químicas desses neurotransmissores podem provocar a excitação inadequada de algumas características temperamentais, como raiva sem sentido, medo exagerado sem motivo, tristeza e estado depressivo sem explicação, etc...

Essas substâncias podem ser liberadas de forma proposital ou acidental, sempre provocada pela excitação da amígdala cerebral.

A liberação é proposital quando a mente registra algum evento externo como perigo para o indivíduo. Nesse caso a amígdala cerebral dispara o sistema nervoso simpático, desestabilizando o indivíduo por meio da liberação de adrenalinhas e outras substâncias.

O “disparo acidental” ocorre quando o fato ou evento não oferece perigo algum, mas o cérebro o interpreta como tal.

Há casos completamente diferentes para essas liberações inadequadas. Em nossos registros já encontramos diversos casos que podem ser entendidos, inclusive, como resultado de alimentação incorreta.

3.5 Nutrição influenciando temperamento

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Duas irmãs, Laura e Letícia²⁴, estudam no mesmo colégio. Laura sempre apresentou comportamento normal, estudiosa, interessada nos trabalhos escolares. Letícia costuma dar muito trabalho para os professores, recusando-se frequentemente, a realizar os trabalhos em sala e muito dificilmente trazendo os deveres de casa feitos. Sua avaliação está sempre no limite da média e em algumas matérias, como em matemática, sempre abaixo, resultando em recuperação todo final de ano.

A coordenação da escola sugeriu à mãe que levasse Laura à nutricionista, para que ela programasse um regime alimentar mais saudável, evitando assim excesso de peso e complicações posteriores, como taxa elevada de colesterol.

A nutricionista convenceu à mãe que nenhum regime alimentar consegue fazer efeito se apenas uma pessoa da família o seguisse. Todos, então, passaram a se alimentar de forma balanceada com uma boa orientação.

Três meses depois de a família inteira iniciar o regime balanceado, a coordenação observou que o rendimento escolar de Letícia, a irmã que não estava gorda, havia sofrido uma melhora considerável e que o seu temperamento relaxado, a sua preguiça mental no raciocínio matemático e a sua indisposição para com as tarefas escolares haviam sido eliminadas!

Analisando o acontecido em reunião com os pais e com a nutricionista, chegou-se a conclusão que toda indisposição de Letícia estava na falta dos nutrientes adequados ao seu bem estar físico e mental, o que foi solucionado com a dieta da irmã.

Após esse caso, e tendo feito a divulgação por meio de palestras e correio eletrônico, já recebemos relatos semelhantes, ocorridos nas mais diversas localidades e culturas.

Existe, então, uma relação forte entre a alimentação saudável e temperamento ativo, com disposição para a ação. Nesse caso a alimentação incentivou a disposição para o estudo e para a realização de tarefas escolares.

4 Estrutura da personalidade global

No estudo sobre as diferentes estruturas da personalidade global, procura-se identificar as suas características mais estáveis, integrando-se todos os componentes preliminares anteriormente definidos como: personalidade; caráter e temperamento.

²⁴ Nomes fictícios, para evitar identificação inconveniente das crianças reais.

Uma das características mais estáveis pode ser chamada de TRAÇO da personalidade.

4.1 Traço da personalidade

Cada pessoa assume características comportamentais, que nos ajudam a definir a estrutura de sua personalidade, demonstrando-as por meio de traços específicos.

As diferenças entre as personalidades das pessoas aparecem quando se observa as variações de amplitude e intensidade com que cada traço é vivido.

A vivência dos traços demonstra as tendências comportamentais próprias do indivíduo, como por exemplo: Ser social ou a se isolar; Confiar nas pessoas ou desconfiar delas; Ser higiênico ou não ser; Ser criativo ou acomodado.

4.2 Tipos psicológicos

Quando alguns dos traços de personalidade são agrupados em um mesmo indivíduo, forma-se um tipo psicológico.

O extrovertido, por exemplo, é um tipo psicológico que pode incluir o traço sociável, o traço conversador, o traço cooperativo, etc.

O consciencioso, por sua vez, é outro tipo psicológico que pode ser formado por pessoas com traços de pontualidade, responsabilidade, respeito, etc.

5 Sistemas constitutivos da personalidade

Analisando as suas respectivas definições conceituais percebe-se, claramente, uma total interdependência entre o caráter, a personalidade em si e o temperamento.

Afinal, existe uma verdade individual própria no íntimo de cada indivíduo gerando uma energia voluntariosa que, por vezes, nem ele mesmo compreende totalmente. Essa falta de compreensão deve-se ao fato de que muitas dessas energias estão em forma inconsciente na mente de cada um.

Essa realidade latente precisaria ser a realidade aparente para que a pessoa se sinta plenamente satisfeita e, portanto, feliz.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Há, também, uma necessidade de viver socialmente em seu grupo, o que traz a necessidade de adequar seu comportamento ao padrão comportamental aceito pela comunidade.

Essa adequação começa a transformar a realidade real em uma realidade forjada, provocando insatisfações pessoais com a finalidade de respeitar as satisfações do grupo.

Cada indivíduo, além disso, possui um grau diferente de sensibilidade, caracterizando os seus diferentes temperamentos, o que faz com que se adaptem, ou não, aos padrões estabelecidos.

Assim surgem as diferentes estruturas de personalidade, numa luta constante para adequar sua realidade à realidade social.

E hoje, a maior tendência de aceitação para definir as características dessa estrutura, é a sua definição em sete sistemas, conforme Agra²⁵ e Guidano²⁶:

5.1 Sistema Neuropsicológico da Personalidade

Nesse sistema a estrutura da personalidade é montada a partir das suas características neurológicas e psicológicas, sendo que as neurológicas já têm a sua base desde o momento da fecundação, com a reunião das características genéticas do pai e da mãe.

Essas características originais são determinadas pelos genes, definindo as primeiras formatações das redes neurais em desenvolvimento. Os genes, então, definem uma formatação que será depois transformada, ainda no processo de gestação, por influência das substâncias que estão sendo recebidas.

As influências externas durante a gestação trazem o início da formação das características psicológicas, por meio também da formatação dessas redes neurais.

De acordo com Richard Dawkins²⁷, há também uma programação original nessas características psicológicas e sociais, recebida durante a fecundação pelos elementos que ele chamou de memes.

²⁵ Agra, C. M. (1990). Sujet autopoïétique et transgression. In Acteur social et délinquance - hommage à Christian Debuyst. Bruxelles: Pierre Mardaga, Ed

²⁶ Guidano, V. (1987). Complexity of the self: a developmental approach to psychopathology and therapy. New York: The Guilford Press

²⁷ Richard Dawkins – Biólogo Queniano, autor de “O gene egoísta”.

A formatação que define as características de cultura, comportamento e socialização não parte do zero, mas sim de uma informação já herdada pelos memes, da mesma forma que as informações genéticas.

5.2 Sistema Psicossensorial da Personalidade

A importância dada pelo cérebro para as percepções sensoriais, durante o processo de formação da criança, definirão as bases de seu sistema psicossensorial de personalidade.

Para que haja um desenvolvimento pleno do sistema psicossensorial é importante que, desde os primeiros anos de vida, sejam estimulados todos eles.

A tendência dos meninos em criar uma personalidade mais fria, mais rude, mais lógica e menos emotiva, decorre exatamente da falha no seu desenvolvimento psicossensorial.

A educação dos meninos é voltada para a lógica, para atividades esportivas, para percepções de quantidade, velocidade, desprezando-se a qualidade, a harmonia, a percepção do belo, etc...

Essa diferença na educação produz grandes diferenças entre os sistemas psicossensoriais de personalidade masculina e feminina.

5.3 Sistema Expressivo da Personalidade

Os pais e professores devem estar atentos a evitar bloquear as tendências de expressão oral e corporal apresentadas pelas crianças durante as fases de sua formação.

Cada tentativa de expressão é uma experimentação provocada pelo cérebro em desenvolvimento, e seus resultados constituirão o seu sistema expressivo de personalidade.

Crianças que foram desestimuladas nesse processo constroem uma personalidade acomodada, sem criatividade e sem iniciativa própria.

5.4 Sistema Afetivo da Personalidade

A ligação afetiva com os pais é extremamente importante para a formação do sistema afetivo da personalidade.

Falhas nessa ligação provocam o surgimento de personalidades inquietas, irritadas, agressivas e transgressoras.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

5.5 Sistema Cognitivo da Personalidade

Alguns autores procuram mostrar que os pais podem, durante a gestação, estimular o feto a desenvolver sua potencialidade cognitiva.

Técnicas para conversar com seus filhos, ainda no ventre materno, foram recomendadas em alguns livros, sugerindo que as mães relatem suas atividades em voz alta, principalmente atividades técnicas, como utilização de equipamentos, trabalhos que necessitem de habilidade intelectual, etc...

Não há comprovação científica disponível ainda para tais resultados, mas acredita-se que sejam verdadeiros.

Com o crescimento da criança o estímulo cognitivo realizado pelo exemplo dos pais serve para modelar esse sistema cognitivo da personalidade.

5.6 Sistema Vivencial da Personalidade

Esse sistema é todo baseado no ambiente de sua formação, iniciando na família e complementando na escola.

A forma de adaptação da criança ao meio em que vive cria meios de entendimento social diferenciado, construindo o seu sistema vivencial de personalidade.

Esse meio interferente tem início no ventre materno, quando o feto recebe influência do ambiente à sua volta, e continua após o nascimento, em todos os ambientes em que estiver.

5.7 Sistema Político da Personalidade

O sistema político da personalidade vai sendo construído a partir da observação que a criança faz dos ideais e posicionamentos de vida que seus pais demonstram e comentam.

Ao frequentar uma escola essas crianças começam a comparar esses ideais e posicionamentos para criar seu próprio sistema político de personalidade.

Esse sistema define a capacidade de questionar os padrões culturais existentes, a capacidade de entendê-los e a capacidade de criar novas ideias.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

6 Estrutura da personalidade sexual

A estrutura da personalidade humana já vem com parte de sua programação inserida nos próprios componentes genéticos. Essa parte pode ser considerada, conforme nosso estudo anterior, como caráter.

A formação dessa estrutura tem início no momento da fecundação, quando as programações inseridas nos cromossomos XX ou XY determinam a identidade sexual do embrião.

6.1 Definição sexual

No início é tudo igual, mesmo com cromossomos diferentes, feto masculino ou feminino possuem as mesmas características. Até o cérebro, ainda em sua formação inicial, é igual nos dois gêneros.

Esse é o momento histórico mais estranho da humanidade, pois é o único momento em que homens e mulheres pensam da mesma forma! Depois... Nunca mais! Quem é casado sabe disso muito bem!

DEFINIÇÃO SEXUAL, então, é a forma externa do corpo, com seus órgãos sexuais característicos do gênero ao qual cada um acredita pertencer. (Fiquem tranquilos todos aqueles que não estão muito satisfeitos com o gênero ao qual pertencem porque o simples fato de ter os órgãos não obriga ninguém a utilizá-los da maneira tradicional... Essa parte vem mais tarde no capítulo dedicado à ORIENTAÇÃO SEXUAL e, mais tarde: OPÇÃO SEXUAL)

Todos, hoje em dia, entendem um pouco de informática. Falar, então, de hardware (a estrutura física do computador) e de software (os seus programas para que ele funcione de acordo com o que queremos) não é mais mistério.

Por esse motivo fica fácil explicar DEFINIÇÃO SEXUAL como HARDWARE da sexualidade humana. Mais tarde vamos comparar a ORIENTAÇÃO SEXUAL ao SOFTWARE da sexualidade e, finalmente, OPÇÃO SEXUAL ao comando motor realizado pelo operador do computador, para fazer com que o hardware e o software funcionem como ele deseja.

Mas como funciona isso? Em que momento o feto começa a definir seu gênero? Em que momento o cérebro cria as suas ideias a respeito e como o ser humano pode lidar com tudo isso?

A ciência biológica mostra que o gênero masculino possui um cromossomo X e outro Y. O gênero feminino possui dois cromossomos iguais: XX. As crianças aprendem isso aos treze anos de idade, no oitavo ano do Ensino Fundamental.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Infelizmente esquecem tudo quando passam para o nono ano e são obrigados a aprender tudo novamente, no Ensino Médio, para conseguir ser aprovado no vestibular... Mas é a vida...

6.2 Menino biológico

Naquele cromossomo que só existe no feto masculino, o Y, há uma região conhecida pela sigla SRY (Sex-determining Region Y).

Nessa região existe um gene que vai produzir um Fator Determinante Testicular e esse fator, ao ser produzido (isso ocorre até o 1º mês de gestação), provoca a transformação da gônada em um testículo.

Estará iniciado, a partir daí, a construção biológica do homem, com todas as suas características, embora muitas delas só apareçam durante o processo da puberdade.

6.3 Menina biológica

Aquele ser indefinido, ainda em seu primeiro mês após a fecundação, só pelo fato de não possuir o cromossomo Y, (responsável pela geração daquele Fator Determinante Testicular), permite a natural transformação da sua gônada em ovário.

Ou seja: a simples ausência desse fator determina a sua transformação biológica em menina. A partir daí, da mesma forma que ocorre nos meninos, tem início a definição de todas as características do gênero feminino, muitas delas também aguardando o período da puberdade para seu pleno desenvolvimento.

6.4 Caso especial

Há casos em que esse gene, que normalmente fica na região chamada de SRY do cromossomo Y, instala-se no cromossomo X. Em casos como esses acaba ocorrendo o inverso, ou seja: o embrião XX, que deveria ser menina, terá sua gônada transformada em testículo e o embrião XY, que deveria ser menino, mas que perdeu a região SRY, terá a sua gônada transformada em ovário. O feto será, então, uma garota (Viana et al.²⁸).

6.5 Anomalias ligadas à definição sexual

²⁸ Ginecologia – Luiz Carlos Viana, Madalena Martins e Selmo Geber – Cap 3 Embriologia dos Órgãos Genitais – Bibliomed:

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Nesse estudo não estaremos entrando em detalhes na análise das anomalias estruturais, mas não podemos deixar de comentar, muito resumidamente, sobre o caso do hermafroditismo.

Nesse tipo de anomalia a criança transforma suas gônadas tanto em testículos como em ovários, a partir do segundo mês após a fecundação.

A criança possui então, ao nascer, os dois órgãos sexuais bem formados, internos e externos, de ambos os sexos, incluindo o pênis e a vagina.

Essas crianças, caso não houvesse a formação anômala, seriam, em sua maioria, do sexo feminino, devido a possuírem os cromossomos XX.

A causa da formação dos órgãos sexuais masculinos nessas meninas ainda continua sendo um mistério para o estado atual da ciência.

6.6 Orientação sexual

Há todo um tabu ligado à orientação (atração) sexual e, por isso mesmo, há também muita hipocrisia ligada ao comportamento afetivo e sexual. Por isso mesmo é muito importante sabermos os verdadeiros mecanismos desse processo.

Em todas as espécies não humanas a atração é clara. Há os que são movidos pelas cores, os que são estimulados pelo cheiro, os que são atraídos pela luminosidade e outras características bem definidas. E a maioria dessas espécies provoca o sexo oposto exatamente no momento em que estão no período fértil, sempre visando procriação.

Quando, entretanto, observamos o ser humano, vemos que há toda uma complexidade determinada por uma programação cerebral específica. Há cheiro envolvido, mas há também aparência física, tom de voz, sensação de poder, inteligência, carisma, senso de humor, assim como status social e, muito frequentemente, situação financeira e marca do carro!

Tirando a parte do interesse puramente material que, embora estejamos comentando em tom de brincadeira, é uma verdade no ser humano, essa programação cerebral determina as faixas de frequência que os elementos sensores processarão e enviarão ao cérebro como estimulantes afetivos e sexuais.

Essa programação humana é o resultado de uma série de parâmetros. Nossos estudos levam ao entendimento de que há três parâmetros principais nessa composição, proveniente de diversas fontes:

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

O primeiro deles é o DNA. A programação, já inserida no DNA, traz características específicas da nossa espécie, a humana, e de nossa linhagem, a familiar (biogenética).

O segundo parâmetro é a troca de genes e substâncias entre feto e mãe. Essa programação é estabelecida após a fecundação durante os dois primeiros meses de formação do feto. Ela é o resultado da troca de informações e substâncias entre feto e mãe.

A presença de andrógenos, nessa fase da formação, produz o cérebro masculino, enquanto a ausência dos andrógenos, produz o cérebro feminino.

O terceiro parâmetro é a influência do meio. Essa é uma programação também fundamental, proveniente dos elementos socioculturais (ou meméticos, de acordo com os estudos do biólogo inglês Richard Dawkins²⁹).

A composição desses três fatores, devido a imensa diversidade de composição entre suas características, constrói uma programação própria para cada ser humano, definindo os diferentes gostos, preferências, desejos e vontades. Por isso pessoas consideradas atraentes por umas não despertam qualquer interesse em outras.

As semelhanças entre alguns padrões nessas diferenças permite à sociedade estabelecer estereótipos de beleza física que são logo utilizados pela mídia como padrão de beleza. As pessoas são induzidas a seguir tais padrões e muitas se espantam quando alcançam esse objetivo e não atraem as pessoas da forma que esperava.

Tais diferenças também definem orientações sexuais diversificadas, incluindo aí a “evitação sexual incestuosa”, cujos estudos estão trazendo resultados interessantes.

Antes, então, de falarmos sobre a evitação, concluímos que a ORIENTAÇÃO SEXUAL deve ser entendida como atração psíquica envolvendo várias características existentes no objeto e percebidas pelo sujeito, mas que estejam programadas no cérebro desse sujeito.

Também concluímos que Orientação Sexual não depende de vontade própria, mas sim da forma como os elementos sensoriais disparam, no cérebro, a geração de substâncias neurotransmissoras que servirão para comandar o sentimento de atração pela outra pessoa.

²⁹ Dawkins, Richard – O Gene Egoísta

E que esse sentimento, ou essa sensação, decorre de comandos eletroquímicos e independe totalmente de vontade própria.

A orientação é bioquímica, sensorial, decorre da sensibilização de cada elemento responsável pela captação das sensações externas e da forma como é estimulado o sentimento de atração bioquímica pelo outro, dentro do cérebro humano.

6.7 Evitação sexual

Para quem estuda Freud pode ser estranho entender que há pessoas totalmente assexuadas, mas há.

Outras, embora não sejam assexuadas, desenvolvem essa característica comportamental a partir de um processo de sublimação (consciente ou inconsciente) muito bem processado pela mente, ou pelo aparelho psíquico.

Considera-se “evitação” a ausência total de atração sexual, fato observado não só entre humanos com DNAs muito próximos, o que sempre foi considerado um fator cultural, mas em uma série de outras espécies animais.

Essa constatação em outras espécies levantou a suspeita de que haja uma programação cerebral para criar essa evitação, o que faz todo sentido no processo evolutivo, já que a mistura de genes reduz o risco de doenças geneticamente determinadas.

Essa “evitação” foi estudada por Freud em “Totem e Tabu”(Freud, 1913) como resultado do “não” do pai durante o processo de castração, na fase fálica da formação da criança, dos três aos sete anos de idade. Para o estudo psicanalítico esse processo é fundamental.

Biologicamente, para efeito de estudo evolutivo, essa evitação da endogamia foi o que evitou a extinção da espécie por doenças devido a homozigose.

Westermarck³⁰ apresentou uma explicação diferente para essa evitação da endogamia, que ele chamou de estampagem sexual negativa. Segundo o “efeito Westermarck”, os filhotes criados juntos aprendem a se evitar como parceiros sexuais, bem como os filhotes em relação ao pai e a mãe.

6.8 Opção sexual

³⁰ Westermarck - Efeito Westermarck: quando duas crianças vivem juntas durante os primeiros anos de suas vidas, elas se dessensibilizam no plano da atração sexual futura.

Opção sexual deve ser entendida como a interferência inteligente do ser na forma de interpretar seus sentimentos sexuais.

Não há opção para a atração! Ela existe independente da vontade consciente do sujeito. A opção é pelas atitudes a tomar.

A opção está ligada ao raciocínio humano, utilizando todo o conhecimento adquirido e levando em consideração a conveniência pessoal, cultural ou social de dar vazão a essa atração.

O sujeito, após uma análise de seus sentimentos e emoções, escolhe se assume seus impulsos ou se tenta desviar essa energia para outro tipo de objeto.

A pessoa poderá, também, assumir uma forma simbólica de exteriorizar esse sentimento considerado inconveniente, moralmente incorreto ou impossível. Essa forma compensatória, a sublimação, tenta substituir o objeto e a força de atração por alguma coisa que satisfaça o ego.

Se a opção for assumir o comportamento oposto ao que determina sua orientação, estará sendo criada uma neurose, prejudicando a felicidade do sujeito.

Se a opção, entretanto, for a de assumir o impulso correspondente à orientação sexual, não deixará de existir uma neurose, mas essa devido a não aceitação social de sua orientação.

De qualquer forma haverá uma neurose toda vez que um sujeito descobre que seus sentimentos e emoções, principalmente na área da orientação sexual, estiverem diferentes do padrão aceito pela cultura local.

Por mais que o discurso popular seja de aceitação da homossexualidade ou da bissexualidade, a realidade é diferente e as discriminações são bastante claras.

7 Aparelho psíquico na formação da personalidade

Ao nascerem, os indivíduos já possuem algumas linhas bem definidas em seu caráter, linhas essas estruturadas em forma de energia psíquica, determinando suas vontades e seus desejos.

Essas vontades surgem como energia em forma de pulsões (chamadas também de instintos humanos, embora a psicanálise tradicional não aceite esse termo) e que precisa ser liberada.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Segundo Freud, há duas pulsões inatas, que são a sexual e a agressiva e que constituem o nosso caráter original. Como isso está em desacordo com o ideal social, a educação serve como elemento controlador dessa energia.

A liberação dessa energia, então, passa a ser controlada socialmente, criando a personalidade do indivíduo.

Foucault seguiu parte desse conceito Freudiano quando disse que o ser humano nasce como um animal selvagem, e a sociedade o educa, formando a personalidade sociável.

Para explicar todo esse processo, Freud criou o conceito de aparelho psíquico, constituído do ID, do EGO e do SUPEREGO.

7.1 ID

O ID é a fonte de toda a energia psíquica, também chamada de libido. Enquanto Freud define o funcionamento do ID pelo princípio do prazer, Nietzsche³¹ o entenderia como o princípio do poder.

Assim como Freud viu a sexualidade como base para a formação da personalidade, Nietzsche viu o poder: "Em qualquer lugar onde encontro uma criatura viva, encontro desejo de poder."

O ID, segundo Freud, é totalmente inconsciente, busca o que produz prazer e procura a satisfação imediata. Não há no ID, segundo Freud, juízo, lógica, ética, moral nem valores humanos.

Isso desclassifica o ID para ser considerado como o elemento central do caráter, já que se entende como caráter o conjunto de qualidades originais da pessoa, ou seja, como ela é de verdade, independente de todas as influências socioculturais recebidas.

O ID não é visto, pela psicanálise, como capaz de ter qualidades que não sejam a necessidade de obter prazer.

Não satisfazer o ID durante a formação da personalidade, provoca alterações negativas que produzirão neuroses e, caso essas neuroses não sejam tratadas, podem surgir doenças psicossomáticas.

7.2 EGO

³¹ Friedrich Nietzsche – 1844-1900 – Filólogo e filósofo alemão.

O EGO é a personalidade formada a partir do ID. A vida social, ao impedir a satisfação plena do ID, que segue o princípio do prazer, provoca o nascimento do EGO, que é o elemento criador das estratégias de satisfação, usando o princípio da realidade.

O EGO harmoniza os desejos do ID com a realidade e é criado durante o crescimento da criança, passando por várias etapas muito bem definidas, cada uma delas com um objetivo específico, e todos, ao final, definindo a personalidade daquele ser.

7.3 SUPEREGO

O SUPEREGO tende a conduzir o indivíduo à sua perfeição moral, seguindo os valores da sociedade. Segundo Freud o SUPEREGO é formado após o EGO, para inibir os impulsos contrários às regras sociais.

8 Fases da formação da personalidade

Aí então entra o estudo de Freud que, por mais que tenha “chocado” a sociedade com suas idéias nada sutis sobre a importância do sexo em todos os momentos da vida, abriu caminho para que todos possam realmente entender o funcionamento dessa máquina psíquica complicadíssima, que é a nossa mente.

Cada uma dessas fases precisa, obrigatoriamente, de um determinado tipo característico de satisfação. Dessa correta satisfação depende a formação ideal da mente humana saudável, sem neuroses, insatisfações, angústias e depressões.

8.1 Primeira fase (do nascimento até 1,5 anos)

Freud chamou essa fase de oral. Até hoje ainda há quem pense que crianças são como adultos, só que em miniatura, sem grande diferença na forma de agir e pensar. Se assim fosse, erraríamos bem menos na sua educação. Mas a realidade é bem diferente. Crianças são seres diferentes, elas pensam de forma própria, elas agem de maneira criativa e isso, segundo Piaget, porque lhes faltam certas habilidades, já que, pelo que se observa na evolução humana, tentam imitar os adultos.

Mas as diferenças não ficam por aqui! Em cada período, a criança assume uma nova forma de sentir, pensar e agir, como se a anterior não existisse mais e outra estivesse nascendo! E por causa disso desenvolveu-se a ideia do desen-

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

volvimento cognitivo por fases, que mostra uma série de mudanças ordenadas e previsíveis durante toda a infância e adolescência.

Cada uma dessas fases, a partir do nascimento, apresenta um desafio, que pode ser entendido como uma crise. Se a crise ou o desafio for bem resolvido, a criança dá o seu primeiro passo para a construção de sua harmonia intelectual-emocional. Se, ao contrário, o desafio não é bem resolvido, tem início a construção de futuras neuroses e outros problemas.

Essa primeira fase mostra uma das grandes diferenças entre o ser humano e os outros animais. Embora os estudos relacionados ao período da gestação mostrem toda uma influência externa em ação, formando ligações neuronais que serão básicas para a construção do caráter da pessoa, ela, ao nascer, está totalmente dependente de quem a cria.

Isso, então, é um mistério! A criança já tem toda uma formação de hábitos que aparecerão no futuro, incluindo temperamento, emotividade, intelectualidade e tendências comportamentais. Toda essa informação já existe em sua memória, mas ao nascer está totalmente impotente fisicamente.

Ela precisa sobreviver! E só sobreviverá se houver alimentação adequada. E a fabulosa máquina cerebral já está programada para isso, e faz surgir o instinto de satisfação oral. Esse instinto é tão forte que, se for anulado, gerará energias psíquicas perigosas, já que poderão se tornar as causas de diversos problemas futuros, como as neuroses, por exemplo. Se esse instinto for satisfeito, ele gerará tranquilidade, harmonia emocional e paz de espírito.

A geração desse instinto se dá numa área mental que Freud chamou de ID. Ele pode ser também entendido como uma energia intuitiva, que impulsiona a criança a procurar seu alimento. E como o impulso para a alimentação é pelo sugar dos seios da mãe, Freud denominou essa fase de fase oral (a libido pela boca).

Embora o objetivo principal desse ato instintual seja a sobrevivência, ele não fica por aí apenas. Ele continua impelindo a criança a satisfazer-se oralmente mordendo, sugando e levando tudo o que encontra à boca, independentemente de ter fome ou não.

Por isso, uma das atenções mais importantes dos pais nessa fase é atender a tal instinto, evitando frustrar as expectativas do bebê em relação a morder sugar etc. Isso significa que se uma criança nessa fase necessitar de chupeta, por mais que tenhamos assistido a centenas de palestras de fonoaudiólogos

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

comprovando os malefícios desse equipamento, eu recomendo dar a chupeta e o mordedor à criança.

Já disse muitas vezes, em debates, que prefiro pagar um tratamento ortodôntico para um filho dentuço, mas feliz, do que ser obrigado a pagar um tratamento psicanalítico para um filho com arcada dentária perfeita, mas neurótico... Posso estar enganado em relação a essa minha recomendação e posso ser muito criticado por isso, mas é exatamente o que acredito!

Lembrem-se de que essa recomendação, que é bastante inconveniente para a formação da arcada dentária, dura apenas durante essa fase oral. E é importante também lembrar que isso não significa sair enfiando chupeta na boca das crianças, mas sim oferecer àquelas que demonstram sentir essa necessidade.

A não satisfação correta dessa fase pode provocar o nascimento de neuroses futuras, entre elas a de desconfiança das pessoas, do ambiente que a cerca e do mundo em geral. A satisfação correta traz confiança nas pessoas, no ambiente e no mundo, ou seja, uma paz interior geradora de harmonia emocional.

A exploração do mundo à sua volta permanece durante toda essa fase. A criança acredita que tudo, inclusive sua mãe, faz parte de seu próprio corpo. O seu raciocínio a identifica como centro do universo e ela entende o universo como parte de seu corpo. Ambos dependem um do outro.

Essa criança está totalmente dependente da sua mãe, considerando mãe a que provê o seu conforto e a amamenta. É a presença e o apoio dessa mãe que garantirá a essa criança a certeza de que não está abandonada à própria sorte no mundo.

Sentir a presença afetiva da mãe e satisfazer o seu impulso para a satisfação oral e a alimentação cria nela uma força que, segundo Erikson, pode ser definida com o nome de esperança. Essa esperança de ter a mãe e o alimento toda vez que deles necessita vai construindo um forte sentimento de confiança.

Seus pensamentos e suas atitudes são todos impulsivos e emocionais. Quem domina a sua satisfação pessoal, além da oralidade, é a afetividade. Mas já começa nessa fase a necessidade de que essa afetividade seja completada com limites. A criança já percebe que alguém está tomando conta dela e se sente segura. A afetividade sem a presença clara do exercício dos limites gera uma desconfiança maior ainda, porque é a falta de limites que demonstra a falta de cuidado e de atenção, ou seja, sentimento de desprezo e de abandono!

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univerístico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Uma relação descuidada da mãe para com seu filho nessa fase, muitas vezes considerada uma relação aberta de liberdade total para a criança, pode ser entendida como falta de atenção física ou psicológica. Se for assim entendida, provocará o aparecimento do sentimento de medo e de ansiedade. É nesse momento que nasce o sentimento de desconfiança.

Outra característica interessante nessa fase é que a criança tem a sua mãe como ser supremo, luminoso, iluminado! Ela precisa dessa identificação. Podemos comparar essa necessidade com aquela que leva todos os povos primitivos a criar seus mitos, seus deuses, seus super-heróis. É a primeira “aventura” intelectual do ser humano. A presença da mãe com a qual ela se identifica “resolve” o enigma dos mistérios do conhecimento nessa fase. Estabiliza suas possíveis angústias. E ela cria um bom conceito de si e do mundo.

Se essa identificação não existir, ocorrerão dúvidas e começará a aparecer as angústias sobre o próprio ato de conhecer. O mundo passa a ser um mistério inalcançável e um grande desconhecido. Ela praticamente desiste de tentar entender o mundo. A mãe sempre será uma grande dúvida. Tem início o sentimento de desconfiança para com a mãe. Esse sentimento é projetado em relação à sociedade e ao mundo. A criança tende a se tornar agressiva, perde o entusiasmo e não consegue desenvolver suas competências.

Então essa é a fase da chupeta, do mordedor, da presença afetiva e do exercício dos limites. Mas, para atender aos fonoaudiólogos, a criança logo deixará essa fase... E a chupeta será “jogada fora”!

8.2 Segunda fase (de 1,5 até 3 anos)

Freud a chamou de fase anal e é a fase em que ela começa a aprender a pensar. Enfim, essa fase não tem o problema da chupeta, mas, em compensação, como ela sente necessidade de mexer sempre com as mãos para agarrar coisas que se amoldem, se transformem ao seu toque, se modele ao seu comando, ela faz isso com argila, com massa de modelar, com barro, lama e, se nada disso estiver à sua disposição, com as próprias fezes.

A própria criança mostra que mudou de fase. Mas nem sempre de uma forma tranquila, já que o mais comum é dando um verdadeiro susto nos pais ao levar as fezes à boca! E é nesse momento que são cometidos todos os maiores erros de quem está junto às crianças! E, mais grave ainda, esses erros trarão consequências terríveis para toda a vida dessa criança que está sendo formada!

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Os erros dos adultos ocorrem de diversas formas. Uma delas é o tradicional: “Que fedor!”. Outra forma é dando um “tapa” na mão da criança quando ela pega nas fezes. Também existe o célebre: “Vamos limpar toda essa sujeira!” E assim por diante! Eles sempre deixam claro para a criança que o que ela fez não foi uma boa coisa...

A mente dessa criança analisa o ocorrido e conclui que “se o que ela está fazendo é errado, feio, sujo e fedorento, devo parar de fazer!” E surge, inicialmente, a prisão de ventre!

Agora, são os pais que, desesperados, correm com a criança para o médico, exigindo que ele conserte um mal provocado por eles mesmos! E começam os supositórios de glicerina e laxantes infantis, totalmente inadequados a essa tenra idade e que poderia ter sido evitado com o simples entendimento dessa fase. É claro que nenhum pai quer ver seu filho comendo as fezes... Mas um pouco de criatividade soluciona totalmente esses instintos necessários ao bom desenvolvimento de seu sistema digestivo, sem que seja necessário proibir a criança de se sujar.

Uma dessas soluções é a massa de modelar da cor das fezes, para que a criança possa manipulá-la em substituição. A criança substitui com a maior naturalidade. Outro substituto perfeitamente à altura é a argila. Uma caixa de argila para que a criança possa brincar e se lambuzar é um excelente artifício. Mas temos que entender que ela precisa se lambuzar, se sujar, se divertir... Mais tarde dá-se um banho, ora! O importante é ser feliz!

Por que será que a criança gosta tanto de brincar com as fezes? É mais uma maravilhosa programação mental! Seu sistema digestivo está em franco desenvolvimento e ela já tem algum domínio de seus movimentos musculares, achando interessante o autocontrole do ato de defecar.

É um momento de raro prazer o da produção das fezes. Por isso, elas são tão importantes e exercem sobre a criança uma grande atração. Porém, se no momento desse namoro entre a criança e suas fezes aparece um adulto “estragando” o prazer, a criança nada entende e um forte sentimento de dúvida substitui o necessário sentimento de autonomia.

É nessa fase que ela direciona sua energia para experiências exploratórias. Ela precisa desenvolver o seu senso de autonomia. E como ela vai perceber que não pode usar sua energia exploratória de forma totalmente livre, mas que existem regras sociais para serem respeitadas e que devem fazer parte de seu raciocínio, ela começa a construir sua autonomia entendendo os limites.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

O aprendizado social começa aí. Surge o entendimento relacionado ao que os adultos e as outras crianças esperam dela. Surgem os conceitos de limitações, de obrigações e de direitos, e aparece a sua capacidade de realizar certos julgamentos.

Os adultos atrapalham muito, como podemos observar, mas também podem ajudar de vez em quando! O problema é que não existe uma escola para ensinar pais a serem pais, pelo menos não as conheço ainda. Eu soube que existia na Alemanha ou na Suíça, mas não aqui... Mas, dentro de nossas possibilidades e limitações, tenho tentado fazer exatamente isso, em todas as oportunidades em que me reúno com pais e professores.

Depois que li, em um trabalho de psiquiatria, a recomendação de treinamento parental como elemento redutor de sintomas patológicos, passei a recomendar às escolas uma total mudança nas reuniões de pais e mestres, conforme já relatei no capítulo ESCOLA.

Minha ideia é enfatizar nessas reuniões o treinamento parental, com vivência de valores humanos, debate sobre relacionamento familiar e tudo o mais. Afinal, para que serve falar mal de seus filhos se esses são o reflexo de uma educação equivocada em casa? Melhor então é fazer o treinamento dos pais! Os filhos melhorarão naturalmente na medida em que os pais melhorarem o entendimento da criança, o entendimento das necessidades de cada fase e o relacionamento familiar.

Ainda comentando sobre essa fase anal, caracterizada também pela luta entre a autonomia e a dúvida, ela tenta se libertar da total dependência tomando conta de si mesma, já que percebe ter algum controle sobre suas necessidades fisiológicas. Isso é uma vitória!

Ao sentir que está tendo sucesso em fazer mais coisas sem medo de errar, ela constrói a sua autoestima e passa a ter mais disposição para escolher e agir por conta própria. Contudo, se percebe algum sentimento de desprezo ou de fortes críticas, essa criança não consegue criar autoestima suficiente para ter segurança sobre seus atos, nascendo um sentimento de dúvida sobre si mesmo e sobre os outros. Isso é percebido como uma derrota! Ela poderá regredir ao estágio da insegurança, desistindo de pensar e agir por conta própria e voltando a ser totalmente dependente.

Outro erro comum nessa fase (e que se repete em outras mais tarde) é quando o pai que faz questão de deixar a criança um pouco envergonhada, justificando sua atitude com a ideia de que, assim fazendo, estará estimulando-a para aprender a seguir determinações e ordens dos adultos.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Se isso ocorrer de forma frequente, essa criança poderá desenvolver um comportamento cínico, fingido e camuflado, sempre com a intenção de se defender dessas atitudes de seus pais. E a criança sempre tende a projetar o que seus pais fazem na imagem dos adultos em geral e do próprio mundo à sua volta. Ou seja: as reações dessa criança não ficam restritas ao ambiente familiar, mas serão levadas ao ambiente externo, mais tarde, construindo uma personalidade cheia de desfaçatez, cinismo, dissimulação e descaramento.

Por dentro, ela vai se limitando e deixando de desenvolver suas potencialidades porque ele tem vergonha de aparecer como errada. Ela passa a duvidar de suas próprias capacidades.

A força considerada básica na fase anal é a vontade, segundo Erikson. A vontade, que é colocada em prática por meio da livre escolha na manipulação das coisas, na conversa, no andar e no explorar e que resulta na construção da autonomia.

Educar, nessa fase, significa dar liberdade vigiada, para que a criança tenha condições de desenvolver sua independência, mas percebendo a atenção e o cuidado dos pais, desde que não haja exageros, nem na liberdade total, nem no controle total.

A todo o momento, eu procuro lembrar que a liberdade sem limites faz com que a criança se sinta abandonada e insatisfeita! Também lembro que o limite exagerado a torna sem vontade de desenvolver sua autonomia e fica insegura e insatisfeita. Ou seja, os extremos levam à insatisfação. E, embora isso comece a ser percebido nessa fase, continua ocorrendo durante toda a vida, mesmo depois da adolescência!

A fase anal é também a fase em que a criança começa a andar com mais facilidade e, por isso mesmo, tem mais facilidade na exploração do mundo à sua volta. A descoberta de que ela pode controlar sua marcha e a forma de pressionar os objetos despertam o sentimento de autonomia necessário à construção da sua segurança.

Wallon foi quem mais desenvolveu os estudos voltados para essa característica, apontando para o entendimento de que os atos mentais da criança são desenvolvidos a partir dos seus atos motores. Isso traz mais uma responsabilidade para a educação, já que os atos motores não devem ser cerceados ou impedidos, a menos que traga alguma espécie de perigo iminente.

A grande dificuldade dos adultos está em não conseguir se colocar no lugar da criança, bem como com suas competências desenvolvidas. Cada vez que ela

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

movimenta seus braços e pernas com controle adequado, ela registra esse fato como uma vitória que vai servir para impulsionar todo o seu desenvolvimento cognitivo.

O mesmo processo se dá, ainda nessa fase, com a linguagem. As mãos e os braços ajudam bastante no desenvolvimento das funções simbólicas da linguagem. Cada pensamento, para ser exteriorizado, precisa, nessa fase, de muitos gestos. E para entender isso basta lembrar como faz o próprio adulto em um país estrangeiro, sem conseguir falar direito aquele idioma. Ou mesmo nós, aqui no Brasil, quando queremos falar com um estrangeiro que nada entende de português. Os gestos são a nossa salvação... Assim faz a criança no desenvolvimento da função simbólica de sua linguagem.

Mas agora vem a parte boa para os profissionais de fonoaudiologia. É nessa fase que podemos, sem qualquer medo, afastar a criança da chupeta, caso ela esteja fazendo uso. Mesmo que isso provoque choro e manha, a necessidade vital já não é o sugar, logo, qualquer imposição de limites no que diz respeito à chupeta é perfeitamente aceitável e não vai provocar qualquer neurose futura.

Mais do que isso, eu insisto que nessa fase DEVEMOS afastar a chupeta da criança. O que antes era uma necessidade, agora passa a ser um grande erro. Isso porque a partir do início dessa fase ela abandona o instinto da satisfação oral e o desloca para o ânus. Esse deslocamento vai facilitar, no momento certo, a formação correta de todo o processo digestivo. Essa fase coincide com o início da mudança alimentar, que faz com que o sistema digestivo (ou digestório como querem os filólogos) e o intestino comecem a ser mais exigidos. Não existe mais a necessidade do prazer oral e, por isso mesmo, da chupeta.

Então, se a fase anterior era a da chupeta, do mordedor, da presença afetiva e do exercício dos limites, nessa fase a chupeta deve ser eliminada. O mordedor nem tanto. A presença afetiva continua muito necessária, contudo, já se deve dar mais liberdade, mas com controle. Os limites continuam sendo uma grande necessidade por toda a vida. Mas o mais importante é entender que existe o prazer de defecar e que esse prazer constitui a base do correto desenvolvimento psico-emocional-cognitivo.

8.3 Terceira fase (dos 3 a 7 anos)

Nessa fase, chamada por Freud de fálica, a criança começa a ter um melhor entendimento do que seja o outro. Ela vai agora iniciar a criação da sua própria personalidade, começa o desenvolvimento de características de sua personalidade, começa a sentir a necessidade de ter iniciativas e surge o sentimento de culpa.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

A criança entra em seu mundo virtual, aprende a imaginar e a brincar no mundo imaginário e aparecem as fantasias. Isso é necessário para o desenvolvimento do senso de cooperação. Como as crianças isoladas de outras crianças conseguiriam passar por isso? Mas é aí que entra, mais uma vez, a estratégia de nossa mente! Se não tivermos amigos, devemos criar amigos imaginários...

Ela aprende, assim, a dar e receber ordens e a fazer um equilíbrio entre os momentos de diversão e os de responsabilidade. Nessa mesma época, ela começa a perceber que existe diferença entre o papel do homem e o da mulher na sociedade.

Segundo Freud, essa observação causará os conflitos de identificação de gênero, que ele chamou de conflitos edipianos (Complexo de Édipo), baseado na tragédia “Édipo Rei”, escrita por Sófocles, quatro séculos antes de Cristo. Nessa peça, um clássico da mitologia grega, Édipo matou seu pai, Laio, sem saber que era seu pai e, em seguida, casou-se com sua própria mãe, Jocasta, sem saber que ela era sua mãe. Ao descobrir que ela era sua mãe, Édipo fura seus próprios olhos e Jocasta se suicida.

Freud baseia seu entendimento da criança nessa fase para mostrar a tentativa de entendimento de seu próprio gênero, tomando atitudes de aproximação afetiva da mãe como sua preferida e desprezando o pai, que considera seu concorrente nesse amor.

Sófocles, em sua peça, remete a uma reflexão sobre a questão da culpa em relação a comportamentos fora das normas éticas e dos tabus estabelecidos pelos grupos sociais em suas culturas.

Freud pretende mostrar que existe uma necessidade de satisfação da curiosidade sexual e intelectual, pela criança, principalmente por causa de sua “fixação” na libido como elemento impulsionador da psique humana.

Nessa faixa etária, segundo Freud, a libido está diretamente ligada à sexualidade e é assim que ele entende a busca da mãe pela criança. Essa sexualidade vai aflorar durante a busca do amor da mãe. Se essa necessidade não for satisfeita e se a criança entender que está sendo reprimida ou castigada, ela poderá desenvolver um forte sentimento de culpa que vai diminuir seu estímulo para tomar iniciativas e poderá reduzir sua vontade de explorar novas situações ou de buscar novos conhecimentos.

No que diz respeito ao entendimento psicopedagógico da criança, é nessa fase que ela consegue adquirir confiança no contato inicial com a mãe. Também nessa fase é desenvolvida a sua autonomia, já que surge a expansão motora e

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

o autocontrole. Se essa relação da criança com sua mãe ocorrer sem transtornos, ela vai, a partir daí, estar apta a desenvolver a iniciativa, por causa do aumento de sua intelectualidade.

Essa ideia sexualizada de Freud, embora pareça meio exagerada, ajuda bastante no entendimento do desenvolvimento infantil. As crianças já sentem confiança e autonomia. Mas pela sua compreensão de mundo percebem que a razão de sua existência, sua mãe, também dedica um pouco de seu tempo a alguém, seu pai. Isso começa a ser visto como um perigo nessa relação. É uma concorrência!

A criança, então, precisa provar a si mesma que não existe o perigo de uma perda, ou seja, o amor de sua mãe é seu e assim continuará. Ela, então, em uma determinada noite, acorda e resolve tomar a iniciativa de apossar-se do que é seu. Assim sendo, vai para a cama da mãe com a intenção de abraçá-la, marcando sua presença e, se houver alguém por lá, mesmo que seja seu pai, a intenção é empurrá-lo para fora da cama.

Segundo Freud, a criança deseja transar com a mãe e matar o pai. E durante essa tentativa, ela passa por diversos estágios de satisfação e culpa que vão construir toda uma personalidade neurótica, quando mal satisfeita, ou de saúde psíquica, quando tudo dá certo.

É comum nessa idade a criança que, passados alguns minutos, a criança deve ser levada de volta para sua própria cama em seu próprio quarto. A não observância desse detalhe pode provocar o aparecimento, mais tarde, de neuroses típicas de insegurança.

Essa criança está na fase da Educação Infantil e os trabalhos que deve executar são todos aqueles ligados à competência no controle de seus atos e na construção da sua iniciativa. É muito frequente ocorrerem erros na educação da criança nessa idade, alguns deles ligados à ansiedade dos pais e professores em fazer com que a criança aprenda mais rápido do que a criança do vizinho (ou da outra escola).

As comparações, nessa fase e em qualquer outra, devem ser feitas com ela mesma, mas jamais com as outras crianças. Cada criança tem a sua velocidade e as suas características de desenvolvimento.

Outra característica importante para essa fase é o contato com a linguagem escrita, mas é importante frisar que esse contato tem que ser oferecido com muita sutileza para que ela sinta prazer. Se a nossa linguagem escrita tivesse a forma de representações artísticas, como podemos ver nos ideogramas chine-

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

ses, o prazer da leitura seria naturalmente despertado pelo contato visual com tais obras de arte.

Mas não é assim. Aqui, aprendemos símbolos que representam letras. Juntamos letras para formar palavras. Juntamos palavras para dar um sentido na mensagem que queremos passar. E assim nossa linguagem não tem a expressão artística que chama a atenção da criança na fase de aprendizagem.

Não podemos pular etapas nem forçar uma atividade que não esteja sendo bem aceita pela criança, interferindo negativamente no seu desenvolvimento neurocognitivo, como é o caso de uma alfabetização forçada.

Crianças forçadas a se alfabetizar podem provocar, inconscientemente, um estresse nos elementos neurológicos ligados à essa competência, atrofiando parte deles e provocando, assim, o aparecimento de toda a sintomatologia da dislexia e discalculia.

Por causa dessa anomalia, a criança sente sua incapacidade de controlar novos poderes e se conscientiza de eventuais fracassos, sendo conduzida à culpa e ao medo de castigo.

Crianças que, ao contrário, desenvolvem o prazer da leitura por causa da metodologia lúdica de seus professores estimularão todos os elementos neurológicos correspondentes, facilitando o aprendizado e aumentando a sua capacidade de aprender, de iniciar atividades, de tirar satisfação da maestria e da consecução.

Com esse início de alfabetização, ou até a alfabetização em si, amplia-se seu círculo de contatos e a criança adquire o crescimento intelectual necessário para apurar sua capacidade de planejamento e realização, segundo Erikson.

A criança, nessa fase, já se sente capaz de planejar e realizar. Ela tem um propósito e se fixa na busca de determinadas metas. Geralmente, as metas que se estabelecem – como no modelo freudiano – são impossíveis. Quando a criança se empolga na busca de objetivos além de suas possibilidades, ela se sente culpada, pois não consegue realizar o que desejou ou sabe que o que desejou não é aceitável socialmente, e, de alguma forma, deve conter e reinvestir a carga de energia que mobilizou. Então, ela fantasia (muitas vezes magicamente) para fugir da tensão.

Esses objetivos continuam sendo identificados por Freud como sendo no plano sexual. Se forem mal resolvidos nessa fase, há possibilidade de surgirem pato-

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

logias sexuais, incluindo aí a impotência. Também poderá surgir a somatização desse conflito, que são as doenças psicossomáticas.

Não só nessa idade, mas em todas as demais, existe a possibilidade do surgimento do sentimento de culpa. O sentimento de fracasso em qualquer fase pode levar a isso.

A criança que não tem problemas nessa fase começa a desenvolver o senso de responsabilidade. Para ajudá-la, é importante que os pais em casa e os professores na escola ensinem à criança o significado das obrigações e a estimulem à curiosidade, para que surja a ansiedade positiva ligada ao aprendizado.

A criança quer que o adulto lhe dê responsabilidades, como arrumar sua cama, lavar a louça, varrer o quintal ou ajudar a consertar algo. O cuidado que deve haver é apenas em não deixar que a criança se machuque com a louça, por exemplo, mas é importante que ela seja liberada para dar vazão a essa necessidade de sentir-se competente.

Uma das explicações para a criação do mundo virtual, que comentamos em outros capítulos (os amigos imaginários), está no momento em que ela se dá conta de que existem coisas fora de suas capacidades. Ela, em vez de se contentar com isso, cria a sua capacidade por meio de um jogo com ela mesma. Por isso, surgem as suas histórias, suas dramatizações, sua dedicação a brinquedos que assumem personalidade própria, substituindo o inalcançável por uma realidade intermediária criada por ela. Isso significa, nessa fase de desenvolvimento, uma conexão bastante sadia entre o seu mundo interior e o mundo real. O cuidado dos adultos deve ser o de entender essa virtualização e não impedir o seu desenvolvimento.

Nessa fase, as imagens de Papai Noel e Cegonha, por exemplo, são imagens necessárias ao preenchimento desse mundo. Muitas crianças já têm consciência da sua inexistência, mas preferem manter a ilusão porque dependem dela para completar seu mundo de satisfação.

Perguntaram-me se existe algum perigo nisso quando se torna um exagero de comportamento ligado à ilusão. Sim. Perigos existem, é verdade. E o maior deles é o que Erikson chamou de personificação: quando a criança tenta escapar da frustração de sua incapacidade exagerando na fantasia e criando outras personalidades muito diferentes da sua. Essas criações podem ser uma fuga para esconder a sua verdadeira personalidade e isso pode se tornar um vício se ultrapassar essa faixa etária.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Nessa faixa, a criança, então, constrói a consciência de si por meio das interações sociais e passa a se interessar pelos outros, aprendendo o significado do amor.

8.4 Quarta fase (dos 7 aos 11 anos)

Essa é a fase latente, segundo Freud. A diferenciação sexual, ou melhor, a diferenciação de gêneros, traz uma nova forma de entender o mundo. A criança passa a ser toda intelectual, no sentido de que suas facilidades de entendimento superam todas as demais fases da vida, incluindo as próximas!

Essa intelectualidade superdesenvolvida coincide com o necessário adormecimento sexual. Isso é básico para que a intelectualidade se desenvolva normalmente. Estimular a criança nessa fase nos interesses sensuais ou sexuais significa atrapalhar toda a sua correta formação psíquica.

A intelectualidade aflorada precisa ser controlada no sentido de equilibrá-la às regras e métodos de aprendizado, para que seja muito bem aproveitada. Nessa fase, a criança aprende tudo com a maior facilidade.

As crianças que não são estimuladas para namorar nem para que tenha atitudes sensuais e coisas parecidas, a capacidade intelectual cresce a cada momento e as facilidades cognitivas são muito claras.

Vamos ver mais tarde que toda essa capacidade vai cair, quando chegar a adolescência, provocando uma confusão muito comum entre os professores do ginásio (Ensino Fundamental II). Essa confusão é na observação feita pelos professores do ginásio sobre o ensino dos antigos professores de seus alunos na época do primário (Ensino Fundamental I). Eles costumam afirmar que seus alunos tiveram uma péssima base no primário e que isso está dificultando muito o entendimento de suas aulas. A responsabilidade, segundo eles, é dos professores mal preparados do primário...

Para mostrar onde estava o erro, pedi um teste de matemática, para testar o raciocínio lógico das crianças, utilizando o assunto apresentado no último ano do primário. Eram alunos-alvo de dez anos, cursando esse ano escolar e dez alunos de quatorze anos, cursando o último ano do ginásio. Foram escolhidos dois professores. Um do primário e outro do ginásio. Cada professor ficou encarregado de dois grupos de cinco: cinco do ginásio e cinco do primário, para evitar que as diferenças entre suas metodologias atrapalhassem o resultado.

Os professores deram a mesma matéria para os seus respectivos grupos, utilizando o mesmo tempo de aula e a mesma didática. O teste foi preparado com

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

o grau de dificuldade compatível com os alunos mais novos, segundo os dois professores. E os resultados foram exatamente opostos ao que os professores esperavam: os dez alunos do ginásio, tanto os que foram ensinados pelo professor do primário quanto os que tiveram a aula pelo seu próprio professor, obtiveram notas muito mais baixas que os dez alunos do primário!

A conclusão é simples: os alunos na faixa etária dos sete aos doze anos têm muito mais facilidade cognitiva que os adolescentes. A razão dessa queda será vista no estudo das próximas fases.

A criança inicia essa fase se alfabetizando e, aos poucos, vai convivendo com pessoas estranhas, socializando-se aprendendo o trabalho em conjunto, experimentando cooperatividade e todas as demais habilidades, principalmente cognitivas. Ela é inteligente!

Se essa fase não estiver sendo desenvolvida corretamente, ela poderá criar um complexo de inferioridade. Isso é muito comum quando há o incorreto estímulo à sensualidade e ao namoro. Ela percebe que seu corpo não responde às insinuações que estão sendo estimuladas e a inferioridade é um dos sentimentos que pode aflorar.

Evitando esses erros e permitindo um processo educacional normal, a criança aprende o que é valorizado no mundo adulto, e se adapta a ele com facilidade. Ela aprende a reconhecer que recompensas podem chegar a longo prazo, em virtude de suas de suas atitudes atuais. Isso faz com que se interesse pelo futuro.

Instrumentos de trabalho passam a ser de seu interesse, desenvolvendo a competência e a habilidade. A realização de suas tarefas se torna um prazer e faz com que sua autoestima seja elevada. Mas se ocorrerem falhas repetidas, a criança pode ter sua autoestima reduzida e ela pode regredir ao processo fantasioso da fase anterior ou até mesmo entrar em inércia. Essas falhas podem ser provocadas por falta de ajuda dos pais ou professores ou até por excesso de exigência deles.

É para o trabalho e o estudo que essa criança direciona toda a sua energia. Se ela for bem orientada, terá sempre uma sensação de conquista a cada vitória em suas atividades. As ideias do que vai ser quando crescer vão surgindo agora, mostrando que já tem ideias próprias e que a responsabilidade é um de seus valores principais.

Mas outro ponto de muita importância é o necessário estímulo às brincadeiras e aos jogos, sempre de forma equilibrada e bem selecionados. Jogos ao ar li-

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

vre, como vôlei, por exemplo, ou de tabuleiro, como dama, xadrez e outros. Brincadeiras educativas como andar de bicicleta, patins, apostar corridas, pular cordas etc.

Com o advento dos computadores, Internet, jogos eletrônicos e outros aparatos tecnológicos, as brincadeiras e jogos passaram a ser limitados ao espaço do computador ou do videogame! Isso é positivo por um lado, mas extremamente negativo por outro.

Logicamente que não estamos querendo dizer que esse erro é exclusivo dos pré-adolescentes, mas sim de todos os demais jovens, mas essa fase é quando o perigo começa.

A parte positiva da tecnologia é o estímulo ao incremento da velocidade de raciocínio e o treinamento de associação de ideias. E isso ocorre desde que o tempo em frente ao computador não ultrapasse uma hora por turno.

Mais de uma hora produzirá, certamente, o estresse dos neurônios, fazendo com que seja aumentado o seu índice de irritabilidade e agressividade, trazendo ansiedades e outras neuroses, imitando o seu desenvolvimento intelectual.

8.5 Quinta fase (dos 11 aos 13) e sexta fase (dos 13 aos 18 anos)

A partir dos 11 anos, aproximadamente, a criança passa a construir a sua própria imagem de identificação sexual. Nesse período, ela passa a observar sua própria forma de ver a vida e a sociedade e faz comparações entre as características comportamentais das pessoas que estão à sua volta. Nesse momento, pode surgir a figura de um mentor.

O que significa esse mentor? O pré-adolescente desenvolve uma admiração natural por alguém mais velho e do seu mesmo sexo para, inconscientemente, fazer comparações com os seus pais. A própria escolha é também inconsciente.

A criança nem sabe que suas características comportamentais estão sendo construídas em comparação com as das outras pessoas. Ela acredita ser ela mesma o tempo todo.

Mas, em determinadas situações, pode-se observar que o pré-adolescente segue, com muito mais facilidade, conselhos desse mentor do que os de seus próprios pais, embora os pais e o mentor estejam sendo analisados apenas para ajudar na montagem de sua própria identidade.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Na adolescência, continua a existir a figura do mentor exercendo influência nas suas ideias, embora ele já tenha mais facilidade de questionar e raciocinar com as suas próprias.

Esse mentor é normalmente escolhido entre parentes próximos ou professores, embora não seja exceção a escolha de personagens históricos, heróis de ficção, artistas de sucesso.

9 Artifício virtual para formação da personalidade - amigo imaginário

Há um momento importante na formação do cérebro da criança, visando a formação da sua personalidade, que facilmente confunde pais, amigos e até médicos! Esse momento se dá, normalmente, no início da fase fálica, podendo ser observada até o seu final.

Devido à necessidade de construir as redes sinápticas responsáveis pelo relacionamento interpessoal, a máquina cerebral cria a figura virtual do amigo imaginário, na mente das crianças.

As pessoas costumam se assustar com a ideia e é comum a pergunta: “São saudáveis as crianças que tem amigos imaginários?”

Sabemos que entender o universo infantil é uma verdadeira arte. Mas é uma arte maravilhosa, uma arte gratificante, uma arte empolgante, desde que o adulto: desenvolva a capacidade de ouvir, o que chamamos de "escuta ativa"; ao mesmo tempo treine a paciência para a compreensão dos detalhes e das motivações daquela criança para aquele ato e; desenvolva a sua competência empática, que nada mais é do que se colocar no lugar e na idade daquela criança, para procurar sentir o mundo como ela o sente.

Então vamos tentar responder a célebre pergunta: "Para que eles servem?"

Precisamos lembrar o processo de formação do caráter da criança (ou personalidade, como queiram) a partir dos seus primeiros anos de vida, como vimos nos capítulos anteriores. Vamos voltar à terceira fase de formação, a que vai aproximadamente dos três aos sete anos de idade.

Essa fase está descrita em detalhes em Andersen 2011, páginas 87 a 92, com base em Freud, Wallon e todos os demais pensadores ligados a esse estudo de formação.

A partir dos três anos a criança começa a entender melhor os outros e começa a se adaptar a esse relacionamento social. Seu cérebro, então, começa a tra-

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

balhar na formação de ligações neurais apropriadas a esse novo entendimento de mundo, que é agora um mundo mais social e menos individualizado.

Mas para que esse processo seja perfeito a criança precisa vivenciar essa relação e senti-la verdadeiramente em todos os momentos de seu dia, seja em casa ou na creche-escola. E exatamente por causa dessa necessidade é que eu recomendo a matrícula numa dessas escolinhas desde os primeiros anos de vida, onde a criança convive socialmente e dificilmente necessitará da criação do amigo imaginário.

Mas vamos agora fazer uma visita à mente dessa criança. Se ela estiver em um ambiente cheio de colegas e repleto de brincadeiras, jogos e aprendizado lúdico, ela estará satisfazendo a sua necessidade de reconhecimento social e relacionamento interpessoal. Seu cérebro estará sendo alimentado por essas vivências, o que facilitará toda a construção das interligações necessárias a esse desenvolvimento.

Se, entretanto, ela estiver sozinha, sem colegas que possam compartilhar esse aprendizado, ela poderá tomar dois caminhos opostos. Um muito perigoso para a sua formação, que seria a acomodação ao isolamento e a possível montagem de uma personalidade levada ao isolamento e a individualidade excessiva.

O outro, mais adequado, é o da criatividade, montando histórias e dramatizações, transformando brinquedos em personagens reais, ou até visualizando amigos imaginários que serão seus parceiros nas brincadeiras, nos jogos, nos passeios e em todos os demais momentos de sua vida.

É comum levarem esses amigos a passeios reais com seus pais, em viagens reais como, por exemplo, a menina Júlia, de seis anos, levou seu amigo na viagem que fez à Itália (só que ele foi na asa do avião).

Nessa época surgem as incompreensões dos adultos, junto com a falta de sensibilidade. Frequentemente conseguem bloquear esse processo criativo e fantasioso, eliminando a possibilidade dessa criança ter uma formação neural perfeita e harmônica, principalmente quando dizem para a criança "parar de inventar coisas" e, pior ainda, comentando que "essa menina parece maluca!"

É também nessa fase que surgem as histórias de Papai Noel, Cegonha e tudo o mais. A despeito das opiniões de "entendidos de plantão" que contestam a utilização dessas irrealidades, insisto em que todas as historinhas infantis, principalmente de contos de fadas, duendes e coisas semelhantes, sejam largamente usadas.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Nossa preocupação não é com o fato da criatividade infantil ou da história de duendes serem distorções da realidade, mas sim com a mensagem positiva que todas essas histórias devem passar para que, a cada instante de sua formação, esteja sendo realizado aquilo que costumo chamar de "Construção da Cultura do Caráter", que é a sua personalidade mais próxima da perfeição.

Guardem esse detalhe, por favor: mensagens sempre positivas! Não precisamos, em momento algum, mostrar para as crianças as mensagens negativas do mundo. Essas elas aprendem sozinhas. Mas as positivas só nós, pais e educadores, estamos preocupados em ensinar. A sociedade e a mídia se encarregam do outro lado dessa formação.

10 Personalidade enganosa

Os mecanismos de defesa distorcem a realidade para permitir que parte da energia do ID seja satisfeita. Esses mecanismos, então, produzindo uma satisfação parcial, evitam a criação de uma personalidade neurótica. Entre os diversos mecanismos descobertos, estão:

10.1 Repressão

O EGO afasta da consciência os conflitos e as frustrações que ele considera inconvenientes de serem lembrados, por serem muito dolorosos, reprimindo-os e recalçando-os para o inconsciente. A pessoa se esquece do ocorrido.

10.2 Formação reativa

A pessoa é levada, pelo EGO, a declarar estar sentindo algo exatamente oposto ao seu verdadeiro impulso, já que ele é indesejável.

10.3 Projeção

Afirmar como sendo do outro uma ideia ou uma tendência que é sua, mas que ele não pode admitir como tal.

10.4 Regressão

A pessoa volta a se comportar de acordo com as características de fases anteriores, por se sentir insatisfeita com a fase atual.

10.5 Fixação

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Na fixação há uma espécie de congelamento no desenvolvimento de sua personalidade. Ela não se desenvolve e, muitas vezes, acaba regredindo.

10.6 Sublimação

É a satisfação de um impulso, considerado inaceitável, por meio de um comportamento dedicado a uma causa que lhe preencha de satisfação.

10.7 Identificação

Ocorre quando o indivíduo assume um aspecto que é característico do outro, como por exemplo, quando o agredido se identifica com o agressor.

10.8 Deslocamento

Quando agressões ou quaisquer outros impulsos que não são convenientes que sejam direcionados ao sujeito, são direcionadas a terceiros

11 Personalidade patológica - causas

A qualquer momento, durante a formação da personalidade, há a possibilidade do surgimento de transtornos psicogênicos, ou seja, doenças mentais da área da psiquiatria, devido a alguma motivação orgânica ou funcional.

Há, então, causas orgânicas e causas funcionais para o surgimento das personalidades patológicas ou psicoses.

11.1 Causas funcionais³²

Tumores cerebrais;
Uso de anfetaminas ou abuso de álcool ou drogas;
Danos cerebrais;
Estados depressivos;
Provação de sono;
Exposição a eventos traumáticos;
Retirada abrupta de drogas;
Estresse;
Deficiência de vitamina B12;
Deficiência de vitamina D;
Predisposição genética;
etc...

³² Fonte: www.news-medical.net

11.2 Causas orgânicas

Escleroso múltipla;
Sífilis;
Mal de Alzheimer;
Mal de Parkinson;
Hipoglicemia;
Lúpus;
Malária;
Hanseníase;
etc...

12 Personalidades patológicas - características

Alguns autores classificam as características dessas personalidades relacionando seus comportamentos com as diferentes formas de elas se relacionarem com o seu aparelho psíquico, o que pode, por vezes, parecer exagero de interpretação.

12.1 Fenichel e as personalidades patológicas

Fenichel³³, por exemplo, organiza essas patologias de personalidade em três categorias:

- Decorrentes de conduta patológica frente ao ID (frigidez e pseudoemotividade, defesas contra angústia, racionalização, idealização, traços orais, anais, fálicos, etc...);
- Decorrentes de conduta patológica frente ao SUPEREGO (defesas contra culpas, masoquismo moral, dom juanismo, falta aparente de sentimento de culpa, criminalidade, etc...);
- Decorrentes de conduta patológica frente a objetos externos (fixação em etapas prévias do amor, inibições sociais, ciúmes, ambivalência, pseudossexualidade, etc...).

12.2 Reich e as personalidades patológicas

Reich³⁴, por sua vez, identifica nessas personalidades patológicas:

³³ Otto Fenichel – 1897-1946 – Psicanalista austríaco da 2ª geração. Autor de “A Teoria Psicanalítica das Neuroses” e “A Psicanálise como núcleo para uma futura psicologia dialético-materialista”.

³⁴ Wilhelm Reich – 1896-1957 – Psiquiatra e Psicanalista ucraniano. Autor de “A função do orgasmo”.

- Caráter genital – Saudável e autorregulado - Apresenta autonomia e racionalidade. Postura ereta, jeito ágil, andar firme, olhos brilhantes, faces vivas e móveis, ativo e eficaz, mas não agitado. Consegue lidar com sua ansiedade e inquietação. Sentimento de vigor e capacidade de desfrutar.

- Caráter neurótico – Enfermo e encoraçado – Apresenta traços de submissão, oscilando entre a culpa e a inibição. Seu comportamento é estereotipado e sem bom senso. São nervosos, ansiosos, impulsivos ou compulsivos. Postura curvada, olhos vagos. Faces rígidas como máscaras. Impotência orgástica e presença de fantasmas sexuais.

12.3 Tipos de personalidades patológicas

- Paranóide – Muito desconfiado e muito ciumento. Acha que todos estão “armando” contra ele;

- Esquizóide: Isolado socialmente. Sem relacionamento interpessoal. São muito frios e não se importam com elogios nem com críticas;

- Esquizotípica: Comportamento muito excêntrico. São atraídos por tudo o que é bizarro e extravagante. Apresentam muita ansiedade em sociedade.

- Borderline: Instabilidade emocional evidente, apresentando impulsividade exagerada. Medo do abandono. Facilmente irritável. Oscila entre amar e odiar a mesma pessoa. Não tem meio termo, ou seja, uma coisa ruim é péssima, ao passo que uma coisa boa é excelente!

- Narcisista: Necessitam ser admirados e desprezam os demais seres por serem inferiores a ele. É comum tentarem “usar” ou explorar os outros, em suas relações sociais, tornando-se arrogantes. O autoelogio é frequente e contam vantagens constantemente. Humilhar os outros lhes dá prazer.

- Antissocial: Costumam desrespeitar os direitos dos outros e não seguem normas. Normalmente mentirosos e aproveitadores. Irritados e irresponsáveis, não sentem remorsos do que fazem. Não conseguem manter vínculos afetivos duradouros.

- Histriônica: Precisam se sentir como centro das atenções. Emocionam-se com facilidade, fazem dramatizações e costumam exagerar na demonstração de intimidade nos relacionamentos.

- Obsessivo-compulsivo: Muito preocupado com organização, controle e perfeição em tudo. Exageradamente ligado a regras, horários e arrumações. Dedicar

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

ção exagerada ao trabalho. Despreza o lazer. Muito teimosos, não jogam nada fora e não delegam poderes.

- Esquiva: Exageradamente tímido e sensível a críticas. Procura se esquivar da vida social e de relacionamentos. Não acredita em si mesmo.

- Dependente: Acha que sempre necessitará de outros. Costuma ser muito submisso. Tem muito medo de separações.

13 Personalidade criminosa

A referência mais importante quando se fala de personalidades criminosas é Lombroso³⁵, que defendeu a ideia de que existe o criminoso nato, podendo esse ser identificado por determinadas características somáticas.

Na Bahia, Nina Rodrigues³⁶, seguidor de Lombroso, levou adiante essas ideias considerando, inclusive, o negro e o mestiço como delinquentes em potencial, caracterizando suas tendências racistas.

A dúvida é a mesma há anos! Existe uma personalidade criminosa? Qual o grau de noção ou o grau de juízo que o criminoso tem de seu ato? Até que ponto o criminoso é senhor absoluto de suas ações ou é escravo de uma determinação biológica?

A literatura médica, de forma geral, tende a aceitar a existência de uma personalidade inclinada significativamente para o crime. A maior dúvida, ainda existente, está na existência do livre arbítrio.

No CID 10 foi criado o termo “Personalidade dissocial” (F60.2), relatada como:

“Transtorno de personalidade caracterizado por um desprezo das obrigações sociais, falta de empatia para com os outros. Há um desvio considerável entre o comportamento e as normas sociais estabelecidas. O comportamento não é facilmente modificado pelas experiências adversas, inclusive pelas punições. Existe uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive da violência. Existe uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade.”

³⁵ Cesare Lombroso – 1835-1909 – Médico, cirurgião e cientista italiano. Seus estudos ficaram conhecidos como Antropologia Criminal. Sua obra “O homem delinquente” mostra a tendência criminosa identificada pelas características somáticas.

³⁶ Raimundo Nina Rodrigues – 1862-1906 – Médico legista, psiquiatra, professor e antropólogo maranhense. Seguidor de Lombroso.

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica**. Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Há diversos casos de crimes em que, durante o julgamento, surgem dúvidas seríssimas sobre a incapacidade do criminoso em evitar o ato, alguns deles levando o juiz a transformar a pena em internação hospitalar para tratamento psiquiátrico.

O caso Herbert Weinstein, por exemplo, executivo publicitário de sucesso, foi a júri pelo assassinato confesso de sua mulher Barbara, em 1991.

A defesa apresentou um exame mostrando que havia um cisto numa das membranas que envolvem o cérebro, impedindo Weinstein de ponderar suas ações e de controlar suas ações.

Segundo os médicos a existência desse cisto tornaria Weinstein apenas um fantoche das decisões tomadas pelo seu próprio cérebro, mesmo que à sua revelia. Os advogados de defesa argumentaram que, nesse caso, ele não poderia ser responsável pelos seus atos.

Não havia qualquer prova de que tal cisto provocaria tal comportamento, mas todos acharam melhor evitar o julgamento, por meio de um acordo, sendo ele sentenciado a uma pena mais branda de 11 anos de prisão.

Nesse caso foi entendido que o culpado pelo assassinato não foi Weinstein, mas sim seu cérebro!

A personalidade criminosa de Weinstein estava sob o comando de suas redes sinápticas!

Aceitando-se essa ideia de que uma pessoa dessas não tem controle sobre seus atos, volta-se a dar importância às absurdas ideias de Morel³⁷ que, em 1987 criou a Teoria da Degenerescência, apontando para a existência de degenerados em todas as classes sociais, e que apresentam características de personalidade bem originais, bizarras e excêntricas e que, apesar de poderem ser triunfantes na vida, são tão anormais, sob o ponto de vista cerebral, quanto os idiotas.

Na mesma época de Morel só se distinguem os tipos de personalidades criminosas de duas formas, ou o indivíduo seria classificado como um criminoso ocasional ou, pela análise de seu histórico comportamental, seria um criminoso nato.

13.1 Criminoso ocasional

Essa personalidade seria muito próxima à de uma pessoa normal, mas que, sob a influência de diversas circunstâncias, comete um crime.

13.2 Criminoso nato

³⁷ Bénédict-Augustin Morel – 1809-1873 -

Esse indivíduo teria a natureza diferente da do homem normal. Ele seria mais predominantemente instintivo e teria, em sua programação biológica, uma organização própria para o crime.

13.3 Criminoso louco

Já fazendo parte do estudo de Lombroso, essa personalidade carrega uma perturbação mental associada ao comportamento delinquente, sendo considerada personalidade do louco moral ou do perverso constitucional.

13.4 Criminoso profissional

Segundo Lombroso, esse criminoso não possui estigmas biológicos inatos, mas se torna criminoso por meio de pressões de seu meio. Seu estudo mostrava que esse tipo poderia reincidir no crime.

13.5 Criminoso primário

Fatores circunstanciais do meio o levariam ao crime. Ele não teria características de reincidência. Seria o célebre representante de “A ocasião faz o ladrão”, ou, mais apropriadamente: “ladrões já prontos aguardando a melhor ocasião para roubar.”

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica.** Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.

Conclusão

Nossa primeira conclusão aponta para a necessidade de estarmos certos de que estamos colaborando para a formação, na criança e no adolescente, de uma personalidade correta e sem neuroses. E que, para isso, precisamos estar atentos às necessidades básicas das crianças em suas fases de crescimento, além de entender a estratégia cerebral do amigo imaginário e estar atento aos mecanismos de defesa geradores de uma personalidade enganosa.

Nossa segunda conclusão leva a necessidade de serem divulgados os últimos estudos sobre o fato de a orientação sexual ser uma determinação biológica definida durante a gestação, para reduzir as neuroses das pessoas que, descobrindo-se com uma orientação sexual fora dos padrões sociais estabelecidos, tenham que enfrentar discriminações e preconceitos.

Referências

ANDERSEN, Roberto. **Afetividade na educação**. -- 2. ed. – São Paulo: All Print Editora, 2011.

BOCK, Ana Maria. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 2002.

CHIAPPIN, Achylles. **Formação da personalidade**. Livraria Sulina, 1975

MARTINS, Lígia Márcia. **A Formação Social da Personalidade do Professor**. Autores Associados, 1899

Contacto com o autor:

E-Mail / MSN / Orkut: robertoandersen@gmail.com

BLOG: <http://robertoandersen.wordpress.com>

Videos: <http://www.youtube.com/user/robertoandersen>

Portal IUPE: <http://www.iupe.org.br>

Facebook: <http://facebook.com/andersen.roberto>

Twitter: <http://www.twitter.com/robertoandersen>

Para fazer referência ao artigo:

ANDERSEN, Roberto. **PERSONALIDADE: SUA FORMAÇÃO - Estudos preliminares sob a ótica neuropedagógica**. Salvador, Bahia: Instituto Univérsico de Pesquisa e Educação – IUPE, fevereiro/2012. Disponível em <http://iupe.webnode.com/artigos/personalidade/>.